

Nós sobreviveremos nesses tempos por meio de um modo feroz de contar histórias, por meio de uma resistência feroz, da política, de um tipo de recusa a ir embora, do reconhecimento de que isso aconteceu antes, muitas vezes, e está acontecendo de novo, e de que nós simplesmente nos recusamos a ir embora. Que nós somos uns (com) os outros, que realmente podemos, e devemos apelar uns aos outros para termos força, o que inclui força e luto, cuidando das feridas de cada um. Insistir na criação de vitalidades, apesar dos novos tipos de opressão. Que não fomos derrotados, que não iremos embora. E contar histórias é uma das nossas capacidades mais preciosas.

O problema de cada prática é como ampliar sua própria força, fazer presente o que provoca os praticantes a pensar, sentir e agir. É um problema que pode produzir um tipo de agrupamento experimental entre práticas, uma dinâmica de aprendizado pragmático sobre o que funciona e como funciona. Um tipo de estímulo/suporte (fostering) ativo “do meio” que os praticantes necessitam para serem capazes de responder aos desafios e experimentar mudanças, ou seja, desdobrar sua própria força.

O poder é a própria organização deste mundo, este mundo preparado, configurado, designado. Aí está o segredo, de que não há segredo nenhum. O poder é agora imanente à vida, tal como a vida é agora organizada tecnologicamente e mercantilmente.

O que constitui a força estratégica das insurreições, a sua capacidade de destruir a infraestrutura do adversário de forma duradoura é, justamente, o seu nível de auto-organização da vida comum.

Obcecados que somos por uma ideia política de revolução, negligenciámos a sua dimensão técnica. Uma perspectiva revolucionária já não tem que ver com a reorganização institucional da sociedade, mas com a configuração técnica dos mundos.

Teremos que dispor de um aprofundado conhecimento técnico da organização deste mundo: um conhecimento que permita, simultaneamente, colocar fora de uso as estruturas dominantes e reservar-nos o tempo necessário à organização de uma desconexão material e política do curso geral da catástrofe, desconexão que não seja assombrada pelo espectro da penúria, pela urgência da sobrevivência.

A afroperspectividade é uma imagem do pensamento, uma maneira de estabelecer o “que significa pensar”

"Esù – grafia em yorùbá que não conta com a letra “x” – é um orixá do panteão yorùbá responsável pelos acontecimentos, nada acontece sem o seu assentimento, ele é o fluxo da existência, a condição de surgimento, fertilidade e comunicação"

No caso da filosofia afroperspectivista, o animal-símbolo é a galinha d'angola. A filosofia afroperspectivista faz do trabalho de filósofas e filósofos, a arte de ciscar, espalhar e deslocar conceitos. Se a coruja observa e contempla numa visada de 360° ou como disse Hegel no prefácio da Filosofia do Direito, a coruja só alça vôo no crepúsculo; a galinha d' angola cisca no terreiro, se mantém na terra, atada à imanência, ciscando no alvorecer ou no crepúsculo.

Esta será a Guerra dos Mil Anos – a mais longa, sabendo-se que afeta políticas e processos reprodutivos através dos quais um corpo humano constitui-se como sujeito soberano. De fato, será a mais importante das guerras, porque o que está em jogo não é nem o território nem a cidade, mas o corpo, o prazer e a vida.

A retomada Tupinambá é um laboratório, onde ocorre o resgate do ser índio, pelo qual passam vários povos indígenas na Bahia.

Reativar significa reativar aquilo de que fomos separados, mas não no sentido de que possamos simplesmente reavê-lo. Recuperar significa recuperar a partir da própria separação, regenerando o que a separação em si envenenou. Assim, a necessidade de lutar e a necessidade de curar, de modo a evitar que nos assemelhemos àqueles contra os quais temos de lutar, tornam-se irremediavelmente aliadas.

Reativar significa recuperar e, neste caso, recuperar a capacidade de honrar a experiência, toda experiência que nos importa, não como “nossa”, mas sim como experiência que nos “anima”, que nos faz testemunhar o que não somos nós.

Potência da situação, como uma conjunção concreta de corpos, sentidos, silêncios, alianças, modos de fazer, rotinas, interrupções, etc, que desenham um determinado relevo, e não outro.

A potência de uma situação se levanta como uma exigência que nos faz pensar, que nos põe em uma situação de que necessita ser pensada.

Pensar não é somente elaborar teorias. Pensar é respirar, viver vivendo, ser sendo. Para isso há que deixar de contemplar o mundo para reaprender a vê-lo.

O ser não é uma dimensão estável ou transcendente que espera ser contemplada. É o que nos abre, o que nos acolhe e nos ataca, quando nos deixamos cair, quando nos deixamos comprometer. Dessa perspectiva implicada em um mundo comum, a ontologia não é um espaço de poder, mas sim de vulnerabilidade.

Provar (*to taste*) não é testar, verificar ou identificar fraudes. É aceitar o risco de encontros reais, encontros que podem significar sustento ou envenenamento. Ouse provar se deseja se tornar hábil para saber: essa não é uma fórmula para uma iluminação conquistadora, mas para uma exploração relacional cautelosa e situada, pois os efeitos nunca são “objetivamente” bons ou ruins.

Os laboratórios do comum exigem praticantes, não especialistas. As práticas experimentais do comum são sempre “uma aventura, tanto empírica quanto pragmática, porque não significa recuperar o que foi confiscado, mas aprender o que é preciso para habitar novamente o que foi devastado.

O objetivo não é escapar cegamente e enfrentar o caos, mas fabricar e experimentar.

Imagine que há dois paradigmas: o “paradigma do governo” no qual se trata de conduzir a realidade desde uma ideia ou modelo; eo “paradigma do habitar”, em que se trata de cuidar e expandir as potências que já há, que já somos. Estes dois paradigmas incluem *sensibilidades, formas de ver e modos de fazer*, não tanto “lugares” (instituições/ movimentos etc.) como práticas. Na realidade se misturam, entram em conflito e contaminação.